

MARABAIXO COMO COMPONENTE DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA A SIGNIFICAÇÃO POSITIVA DA IDENTIDADE RACIAL DA CRIANÇA NEGRA

MARABAIXO AS A DIDACTIC-PEDAGOGICAL COMPONENT FOR THE POSITIVE SIGNIFICATION OF THE BLACK CHILD'S RACIAL IDENTITY

Cleidiane Colins Gomes¹
Piedade Lino Videira²
Angela Scalabrin Coutinho³

Resumo: A educação para as relações étnico-raciais pressupõe o fortalecimento de identidades e de direitos, princípio destacado no Parecer CNE/CP 003/2004, o qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais. Nesse sentido, o artigo apresenta estratégias e possibilidades didáticas para implementar a Lei 10.639/03 nas escolas municipais de Macapá, por meio do legado cultural e das africanidades

¹ Graduação em Letras/português e suas Respectivas Literaturas pela Faculdade de Macapá (FAMA) Especialização em Política Educacional pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integra o Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e intervenção pedagógica em Corporeidade, Arte, Cultura e Educação para as Relações Étnico- raciais com Ênfase em Educação Quilombola (GEPEI). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE/UFPR). Interesse de pesquisa vinculados sociologia da infância, bebês/ infâncias negras, literatura de temática africana e afro-brasileira e educação para as relações étnico-raciais. E-mail: cleidianeollins@gmail.com Link do lattes: <http://lattes.cnpq.br/8189082533187672>  <https://orcid.org/0000-0001-6798-7039>

² Graduação em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Psicopedagoga pela Faculdade de Macapá (FAMA). Mestre, Doutora e Pós-Doutorada em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-graduação, Stricto Sensu, da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).Sou Professora Assistente II na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), lotada no Curso de Pedagogia, integro também, o Corpo Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED-UNIFAP), do Curso de Especialização em Estudos Teatrais Contemporâneos (EECT-UNIFAP) e do Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva /PROFEI (UNESP-UNIFAP). Sou líder do Grupo de Estudo, Pesquisa, Extensão e Intervenção em Corporeidade, Artes, Cultura e Educação para as Relações Étnico-Raciais com Ênfase em Educação Quilombola e Escolar (GEPEI) e do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros – certificados pelo CNPq. E-mail: piedadevideira08@gmail.com Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4269580489108934>  <https://orcid.org/0000-0001-53259073>

³ Pós-doutorado em Gestão da Política Pública pela USP. Doutora em Estudos da Criança pela UMinho – Portugal, mestre em Educação Infantil e Pedagogia pela UFSC. Professora no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação na linha Diversidade, Diferença e Desigualdade Social em Educação, da UFPR. Foi professora visitante na Université Paul Sabatier, Toulouse – França. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE/UFPR). Na ANPEd, está como Vice-presidente Sul (2022-2023) e foi coordenadora do GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos (2019-2020). Membro do Fórum de Educação Infantil do Paraná (Feipar/Mieib). E-mail: angelacoutinho@ufpr.br Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3002391361746980>  <https://orcid.org/0000-0002-3709-8561>

<https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24n1.p31>

presentes no Marabaixo, configurando-se como um componente didático-pedagógico. Trata-se de um texto de natureza qualitativa e uso de entrevista semiestruturada com moradores/as de comunidades negras locais, por serem participantes/organizadores/as, herdeiros e guardiões dessas manifestações culturais, na condição de filhos/as da comunidade que carregam consigo conhecimentos repassados por seus antepassados. Conclui-se que por intermédio do Marabaixo é possível promover a significação positiva da identidade racial de crianças negras na Educação Infantil.

Palavras-Chave: Marabaixo. Crianças Negras. Lei 10.369/03. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009), definem que as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança é o centro do planejamento curricular, sujeito histórico e de direitos, que produz cultura, logo a necessidade de direcionarmos nosso olhar atento para esse público e seus marcadores sociais tais como: gênero, raça, classe e geração-idade, que irão constituir o contexto no qual estarão inseridas e, assim, pensar em possibilidades didático-pedagógicas voltadas para a valorização da cultura afro-brasileira e africana, o que requer discutir questões importantes a respeito da significação positiva da identidade racial de crianças negras que frequentam as unidades educacionais brasileiras.

Nesse sentido, a inclusão da temática étnico-racial na prática pedagógica e no currículo oficial das escolas, figura-se como uma discussão relevante, tendo em vista que desde 2003, a Lei n. 10.639/03, que alterou o Art. 26^a da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, está em vigor em nosso país, sem, contudo, ter sido adequadamente implementada.

A implementação precária da Lei pode ser verificada nas escolas pelo *modus operandi* da prática pedagógica, a qual é calcada no reprodutivismo monocultural e eurodescendente que dificulta possibilidades de interações equitativas entre as diversas culturas, em todas as etapas da educação, como forma de valorizar a diferença de modo a romper com uma educação padronizada e homogeneizante, a qual se empobrece à medida em que desestimula as interações com outras culturas e formas de enxergar o mundo. Conforme os educadores Vera Maria Candau e Flávio Moreira:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar. (CANDAU e MOREIRA, 2003, p.161).

Esse desafio que as escolas resistem em enfrentar, ocasionam barreiras que limitam as instituições educacionais de desenvolver propostas pedagógicas inclusivas, antirracistas e comprometidas com uma educação de qualidade que atendam às pluralidades étnicas, culturais, religiosas e raciais das crianças no intuito de garantir-

lhes o direito à educação e ao pleno desenvolvimento social por intermédio da convivência respeitosa entre professores/as e educandos/as no cotidiano escolar.

Para a pesquisadora Nilma Lino Gomes (2003, p.39) “quando falamos da articulação entre identidade negra, cultura e educação falamos de processos densos, de conflitos e de diálogos construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história nas relações sociais e culturais”. O campo educacional, por sua vez, tem grande influência na formação das identidades, sendo a escola o palco onde essas diferenças se inter cruzam, e precisam ser respeitadas, vivenciadas e trabalhadas nas escolas, a fim de propiciar o enriquecimento e a renovação das possibilidades de atuação pedagógica numa perspectiva intercultural e antirracista.

Nesse sentido, o artigo tem como objetivo trazer estratégias/possibilidades didáticas para a significação positiva da identidade racial da criança negra na Educação Infantil, tendo o Marabaixo como um componente didático-pedagógico. Ademais, o Marabaixo é patrimônio cultural brasileiro, símbolo da expressão cultural/religiosa que envolve a luta, a história, a cultura e a resistência do povo afro-amapaense e de seus ancestrais. E, dessa feita, pode ser abordado, pedagogicamente, no currículo escolar, no intuito de garantir aos/as educandos/as uma formação mais consistente e consciente da sua história, cultura/religiosidades, sociabilidades e lutas sociais empreendidas por seus ancestrais e pelas famílias negras no estado do Amapá e em nosso país.

A arte-educadora Piedade Videira (2014, p.16), nos ensina que o “Marabaixo é uma possibilidade concreta para o desenvolvimento de uma abordagem pedagógica significativa para os estudantes, já que essa tradição é constituída de passagens da história, cultura e relações sociais locais”. O Marabaixo, através das suas cantigas denominadas de ladrões (versos improvisados e cantados), narra os acontecimentos históricos de africanos e de seus descendentes e aborda aspectos socioculturais do povo afro-amapaense que ainda são raros nos currículos das escolas estaduais e municipais do Amapá.

O Marabaixo reúne um conjunto de elementos de natureza histórica, sociocultural, racial e lúdica, e pode ser trabalhado na Educação Infantil através do componente pedagógico nomeado de bonecas Abayomis marabaixeiiras, as quais irão mediar o processo educativo das crianças, por intermédio de autobiografias de mulheres negras pioneiras da cultura amapaense tais como o Marabaixo, sendo essa uma possibilidade pedagógica exequível para a implementação da Lei 10.639/03.

O texto está organizado em três seções. A primeira, intitulada: Marabaixo, dança afrodescendente e a lei 10.639/03, abordamos algumas festas culturais de cortejo afro-religioso em que há a presença do Marabaixo, assim como priorizamos as vozes de moradores/as de comunidades negras locais, por serem participantes/organizadores/as, herdeiros e guardiões dessas manifestações culturais, na condição de filhos/as da comunidade que carregam consigo conhecimentos repassados por seus antepassados.

Na segunda seção, abordamos os valores civilizatórios afro-brasileiros sistematizados por Azoilda Trindade (2010), quais sejam: Energia vital, circularidade,

corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperatividade e oralidade, que estão presentes no Marabaixo, articulando-os com os campos de experiência da Educação Infantil: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações, para evidenciarmos que a dança do Marabaixo carrega em seu bojo, valores civilizatórios que significam possibilidades de articulação pedagógica sólida com os campos de experiência da BNCC (2018). Uma vez que, o documento menciona a questão étnico-racial de forma superficial não contemplando de forma consistente a diversidade cultural dos diversos sujeitos presentes nas instituições de ensino.

Na terceira e última seção, apresentamos algumas possibilidades didático-pedagógicas para trabalhar a identidade racial da criança negra na Educação Infantil, por intermédio do Marabaixo, utilizando como componente didático-pedagógico as bonecas Abayomis marabaixeiras.

Outrossim, utilizamos também trechos de uma entrevista concedida pela chefia da divisão étnico-racial da Secretaria Municipal de Educação SEMED-AP, sobre a implementação da Lei 10.639/03, nas escolas municipais de Macapá. Trouxemos à luz esta entrevista para demonstrar que o conhecimento dos/as profissionais da educação sobre o Marabaixo é incipiente, e tal desconhecimento inviabiliza o processo de ensino da história e culturas afro-brasileira nas escolas municipais de Macapá de forma contextualizada.

MARABAIXO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

“Assim, de geração a geração caminha a tradição nos passos da dança do Marabaixo”.
(Henrique Cunha Júnior, 2009).

O Marabaixo é uma manifestação cultural/religiosa que tem sido preservada pelas comunidades negras do estado do Amapá, que se apresenta com o percentual de 70% da população majoritariamente negra (preta e parda), segundo indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia e estatísticas (IBGE,2019), e com um volume de territórios quilombolas igualmente expressivos, com uma pujança de festas negras de cortejo afro-religioso realizadas em honra de santas e santos católicos.

Logo, esse patrimônio afro-brasileiro que se expressa no Marabaixo, tem-se um fecundo caminho para a implementação da Lei n. 10.639/03, haja vista que esse legado ganha reconhecimento no livro de “Registro das Formas de Expressão”, como patrimônio cultural imaterial do Brasil em 2018, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Reconhecemos que o Marabaixo carrega em sua forma de expressão, valores civilizatórios, e por certo, traz em si a potencialidade de reconhecer a história de luta

dos negros como consta no artigo 26-A da Lei n. 10.639/03, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira que traz a obrigatoriedade do ensino das africanidades brasileiras no currículo oficial de todas as instituições educacionais. Para a Intelectual negra Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2004), quando falamos em africanidades, estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm seu nascedouro em África, que, fazem parte da história e cultura do Brasil.

Como é o caso do Marabaixo, expressão cultural que integra esse legado africano, e configura-se como uma roda-viva de origem afrodescendente que se expressa especialmente por meio da dança e das cantigas nomeadas de ladrão, espécie de poesia oral cantada a partir dos toques das caixas de Marabaixo, típico instrumento de percussão que é produzido por alguns membros da comunidade. A caixa é constituída de madeira como a macacaúba e, para a tela, utiliza-se couro de animais como: boi, cobra, veado e bode. Segundo o IPHAN, a dança acontece:

Primordialmente no contexto das festividades religiosas ligadas ao catolicismo de preto, sendo a manifestação compreendida enquanto oferta aos santos e santas de devoção em agradecimento pelas graças alcançadas e pela proteção dirigida à comunidade. A dança é praticada por homens, mulheres e crianças, formando um círculo que se movimenta ao ritmo dos sons das caixas dos tocadores e das cantadeiras. IPHAN (2018, p.7).

Nesse contexto, trazemos à luz o que já dissertara a pesquisadora Piedade Videira (2014, p.12) “[...] no Marabaixo, dança desde a criança ao ancião. Não se segue nenhuma hierarquia no espaço cênico, ou seja, a dança é coletiva e as pessoas são livres para se manifestarem em emoções e sentimentos”. Com base na referida autora, podemos compreender que o Marabaixo carrega em si mais do que a simples produção e reprodução dos movimentos, traz a possibilidade de relacionar-se consigo, com os outros e com o meio sociocultural.

Nessa conjuntura, evocamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), e evidenciamos o princípio que aponta para a sensibilidade, criatividade e liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais, princípio este que pode ser materializado por intermédio do Marabaixo.

Conforme Videira (2021), o Marabaixo é uma tradição afro-amapaense festivo/religiosa que une ciclos geracionais num período anual chamado de *Ciclo do Marabaixo*, que acontece logo após os festejos religiosos da Quaresma e Semana Santa, é um movimento que aglutina herança africana e cristã católica.

O Ciclo do Marabaixo é uma das maiores manifestações culturais/religiosas do Amapá, celebradas em louvor ao divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade. O ciclo festivo tem duração de seis meses, inicia no Sábado de Aleluia e finaliza após o feriado de *Corpus Christ* e está presente nas comunidades tradicionais como o Distrito de Mazagão Velho, comunidade negra que se destaca por suas festas culturais/

religiosas no estado do Amapá, a qual possui um vasto calendário de festividades, as datas são guardadas na memória dos seus habitantes.

Abaixo, temos a imagem da igreja local em que ocorre grande parte dos cortejos afro-religiosos, como a Festa de São Tiago, que acontece no período entre 16 e 28 de julho, sendo esta, a maior festa de Mazagão velho.

Imagem 1 – Igreja de São Tiago em Mazagão velho



Fonte: Cleidiane Colins (2021)

Logo após a festa de São Tiago, temos o Divino Espírito Santo que ocorre entre os dias 23 e 24 de agosto, na comunidade de Mazagão velho. Nesse cortejo afro-religioso, podemos vivenciar o Marabaixo, depois do meio-dia, quando começa o *Marabaixo de rua* que marca o encerramento da festa no qual os participantes/brincantes tocam as caixas, as quais são constituídas de madeira, coberta com couro de animais como o carneiro, e entoam cantos pelas casas da vila, espaços em que os participantes adentram com o consentimento prévio dos proprietários, cuja atribuição é como festeiros. Nesse momento são distribuídas comidas e bebidas, como a gengibirra, bebida típica (feita de gengibre), distribuída aos que acompanham o Marabaixo.

Imagem 2 – Festa do Divino Espírito Santo, Marabaixo de rua (2021)



Fonte: Cleidiane Colins (2021)

Outra festa de cortejo afro-religioso em que podemos vivenciar o Marabaixo no Amapá, é celebrada em homenagem a São Tomé, ocorre entre os dias 16 e 21 de dezembro, na Comunidade Quilombola do Carvão, localizada no Município de Mazagão.

Imagem 3 – Festa em homenagem a São Tomé.



Fonte: Piedade Videira (2022)

Nessa festa, a principal dança é o Sairé, uma manifestação cultural afro-indígena que inclui o dançar em roda, cantos e percussão. Outrossim é válido ressaltar que o festejo é presidido por moradores/as da comunidade. João Felipe, um dos idealizadores da manifestação narra que:

O Marabaixo é como se fosse uma dança secundária. Utilizamos as mesmas caixas tanto para o Marabaixo quanto para o Sairé. Relatos, dos mais velhos, falam que eram caixas distintas. No Sairé, utilizava-se apenas uma caixa [...] acredito que seja por influência do Marabaixo que hoje seja usado mais a caixa do Marabaixo no Sairé, mas antigamente, a caixa segundo os relatos dos antigos tinham algumas diferenças, por exemplo a caixa era menor[...]. (ENTREVISTA EM: 27/03/2022).

A narrativa do morador da comunidade, infere que o Marabaixo está presente em várias manifestações afro-religiosas que ocorrem no Amapá, bem como sua influência nas demais danças, seja com o próprio instrumento de percussão, o tambor, seja na dança propriamente dita. A esse respeito, Josué Videira, morador da comunidade de Mazagão Velho e idealizador da associação cultural “Raízes do Marabaixo”, relata que “[...] todas as festas que acontecem dentro da comunidade, sempre que há alguma oportunidade, o Marabaixo é tocado, mesmo não tendo o Marabaixo como principal dança”. (ENTREVISTA, 07/02/2022).

Elegemos algumas festas de cortejo afro-religioso supracitadas como componente didático-pedagógico, sem, contudo, a pretensão de exaurir a abordagem sobre elas, e sim de ressaltar a riqueza e a singularidade que as constituem no intuito de evidenciar o Marabaixo, bem como seu legado cultural/religioso afro-amapaense

como propositura para abordá-lo, pedagogicamente, com a finalidade de significar positivamente a identidade negra das crianças no contexto da Educação Infantil.

O Marabaixo integra a cultura e a história do povo negro, mediante sua forma de expressão, autenticidade e conexão com o meio sociocultural e com a ancestralidade negra, reforçando um elo entre o passado, presente e a projeção de futuro de autovalorização de crianças negras partícipes desse patrimônio cultural. Assim, é necessário compreendermos que a Educação Infantil deve ser contemplada com essa vivência, uma vez que a Lei n.10.639/03, quando promulgada, trouxe a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana apenas no ensino fundamental e médio, não contemplando em seu escopo a educação infantil.

No entanto, com a formulação do Parecer n. CNE/CP 003/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a educação Infantil passa a ser integrada oficialmente a essa política curricular. Nesse conjunto, vale destacar a dança, de origem afro-amapaense, como parte indissociável desse ensino nas escolas e creches do Estado do Amapá.

Segundo Videira (2014), o Marabaixo é um meio fértil para trabalhar a Lei 10.639/03. Ainda destaca a autora em seu livro intitulado “Marabaixo: dança afrodescendente significando a identidade étnica do povo amapaense”, que o Marabaixo é visto como uma dança folclórica, e, em sua concepção:

Todos os movimentos intrínsecos a essa modalidade de expressão artística dos afrodescendentes e africanos são históricos, culturais, religiosos, sociais, políticos e geográficos que marcam e tornam singular qualquer forma de expressão do afro-brasileiro, possibilitando-me inventariar e entender o contexto do seu nascedouro. (VIDEIRA, 2021, p.22).

Partilhamos da propositura da autora, pois o Marabaixo está para além de gestos aleatórios, além de trazer valores civilizatórios em todos os seus aspectos, como no modo de dançar, no cantar, nas vestimentas, no soar das caixas, um dançar afro-ancestral que constitui a cultura amapaense.

VALORES CIVILIZATÓRIOS AFRO-BRASILEIROS E OS CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

A Base Nacional Comum Curricular (2017), é um documento mandatário, que congrega posições contraditórias tanto quanto ao seu processo de elaboração quanto ao seu conteúdo. Tal fato decorre da compreensão que uma orientação curricular geral que aponta para a não fragmentação dos saberes das crianças e dos conhecimentos que fazem parte do patrimônio produzido pela humanidade é importante, contudo, uma base curricular única para um país diverso e desigual como o Brasil é um risco, especialmente quando não é fruto de amplo debate.

O documento da BNCC (2017) ratifica definições presentes nas DCNEI (2009), como os eixos interações e brincadeira como orientadores da prática pedagógica na Educação Infantil e a compreensão de criança como “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura”.

Tais definições, como outras presentes nas DCNEI (2009), são centrais para a formulação de políticas curriculares locais e a sua presença na BNCC (2017) pode fortalecer essa relevância. No entanto, há problemáticas intrínsecas a um documento que se propõe uma base curricular para todos os territórios do país, dentre elas a normatização das infâncias e o apagamento da diversidade e das diferenças.

Neste sentido, cumpre registrar que a BNCC (2017) é um documento que tem limites na sua composição e incoerências internas, como a apresentação de objetivos de desenvolvimento e aprendizagem que preveem pontos de chegada idênticos para todas as crianças tomando como referência apenas a sua idade e ignorando seus pertencimentos étnico-raciais, de gênero, classe, culturais.

Da perspectiva da organização curricular entende-se que a proposição de campos de experiência pode significar uma contribuição, que em alguma medida já estava presente nas DCNEI (2009), ao indicar a organização do currículo a partir da relação indissociável entre as dimensões que constituem as experiências das crianças. O documento apresenta cinco campos de experiência: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações com seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento.

A partir da compreensão apresentada e do fato de as redes de ensino serem instadas a tomar essa organização como referência para as suas propostas pedagógicas, propõe-se a relação entre os campos de experiência e os valores civilizatórios afro-brasileiros sistematizados por Azoilda Trindade (2010), Energia vital, circularidade, corporeidade, musicalidade, ludicidade, cooperatividade e oralidade, que estão presentes no Marabaixo.

No diálogo aqui proposto, entende-se que o campo “O eu, o outro e o nós”, vai se constituir a partir das interações das crianças e sua maneira singular de pensar, agir e sentir, descobrindo outras culturas, modos de vida, e passam a viver suas primeiras experiências sociais. O campo “corpo, gesto, e movimento”, nos direciona para a corporeidade, o corpo é muito importante, na medida em que com ele vivemos, existimos, somos no mundo (TRINDADE, 2010).

Ainda o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, nos direciona para o valor civilizatório da *Oralidade*. Conforme Trindade (2010), nossa expressão oral, nossas falas são carregadas de sentido, de marcas de nossa existência. O campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, que nos permite explorar a musicalidade e por fim “Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações”, que

permite considerar as crianças desde muito pequenas, buscam situar-se em diversos espaços e tempos (BRASIL, 2017).

Os campos de experiência permitem uma interlocução bastante próxima aos valores civilizatórios sistematizados por Azoilda Trindade (2010), valores que, segundo a autora, se constituem num processo social, histórico e cultural, que precisam ser inseridos enquanto práticas antirracistas desde os anos iniciais. Conforme Trindade, quando nos referimos aos valores civilizatórios afro-brasileiros:

Temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. (TRINDADE, 2005, p.30).

A partir dos campos podemos trazer à luz os valores civilizatórios da circularidade e cooperatividade que estão presentes em diversas práticas culturais, o Marabaixo é um exemplo dessa manifestação cultural/religiosa, que não se dança só, se dança em roda. A circularidade, de acordo com Trindade (2010), tem um significado muito importante na educação infantil, é um valor civilizatório afro-brasileiro, que aponta para o coletivo, para o movimento, para o processo, renovação. Uma roda viva onde as crianças podem vivenciar a cultura afro-amapaense, ter interações, trocas e aprendizagens, assim como respeito pela cultura do outro, que também constitui a sua.

Segundo De Angelo (2011), a roda de conversa é vista como um momento de diálogo e troca de ideias. Destarte, é necessário que esta dança seja vista pelos profissionais da educação como um componente pedagógico que traz em si a possibilidade de contribuir para uma educação que, de fato, valorize os sujeitos presentes no ambiente escolar, um instrumento que proporciona aos estudantes conhecer a sua história e cultura e assim contribuir para desfazer-se de mentalidades preconceituosas e racistas desde tenra idade, à medida que tenham a oportunidade de conhecer e vivenciar em seus processos formativos e não formativos as africanidades e riquezas do povo afro-brasileiro, que também se configura por meio do Marabaixo.

Ademais, o Parecer CNE/CP 003/2004, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- raciais (DCNERER), quando aborda as ações educativas de combate ao racismo e à discriminação, nos direciona para a valorização da oralidade, da corporeidade e da arte, como a dança, marcas da cultura de raiz africana. Assim, trabalhar o Marabaixo na educação infantil constitui realizar práticas pedagógicas antirracistas alinhadas as DCNERER.

A educação infantil é um espaço privilegiado para que as crianças vivam intensamente sua corporeidade, experimentando a liberdade de expressão por meio

dos movimentos, que pode ser materializado através da dança, essa por sua vez, apresenta-se como um meio de comunicação no qual o corpo se encontra plenamente envolvido. As crianças, por meio do corpo, exploram o que está a sua volta e são capazes de estabelecer relações, se expressar, brincar e produzir conhecimento sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural que as rodeiam, tornando-se conscientes dessa corporeidade.

As danças de origem afro como o Marabaixo, permitem formar cidadãos/ãs conscientes da sua história e raízes, à medida que ele é vivenciado pelos sujeitos. Segundo a pesquisadora Sandra Petit (2015, p.74), “A dança foi um elo indispensável à sobrevivência física e espiritual. Assim, para nós, descendentes desses povos, a dança significa mais do que filosofia e cosmovisão, significa existir”. O Marabaixo é movimento, linguagem, é um existir que se configura no contexto de luta, resistência do povo preto, negros e negras amapaenses que vem zelando para manter viva a tradição que é passada de geração a geração.

Conforme a BNCC (2018), as crianças, por meio das diferentes formas de expressão, se comunicam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. O corpo nas mais variadas linguagens aparece como uma dimensão central na ação das crianças, é um corpo que fala, sente, observa, movimenta-se, constrói e produz cultura a partir do contexto sociocultural que são expostas.

O Marabaixo é um exemplo concreto, pois carrega em suas formas de expressão, esse movimento com o meio social, cultural, racial e histórico, capaz de propiciar para quem participa, relação entre o corpo e as diferentes linguagens. Logo, para que esse movimento ocorra é necessário que os profissionais da Educação Infantil conheçam suas crianças adequadamente e proporcionem atividades relacionadas as suas realidades, garantindo-lhes novas aprendizagens e experiência socioculturais.

No Marabaixo, as múltiplas linguagens estão presentes e na relação com o corpo destaca-se a oralidade, observada nos ladrões das cantigas de Marabaixo entoados pelas vozes femininas e masculinas, cantos que narram a história e vivências da comunidade/povo afro amapaense. Conforme Videira (2020), nas cantigas denominadas de ladrão, são narradas, em forma de música, a história de africanos e afrodescendentes, são canções que fazem denúncias e relatam acontecimentos do cotidiano da comunidade.

Os campos nos instigam a explorar a musicalidade. De acordo com Trindade (2013), a musicalidade é uma marca que constitui a brasilidade, uma vez que o povo tem apreciação e gosto pelo som, pelo batuque, pela música e pela dança. Segundo Petit (2015), a musicalidade foi um meio pelo qual os afrodescendentes conseguiram influenciar, de forma mais significativa, pela sua capacidade de apropriação de práticas corporais que foram africanizadas, mesmo que de modo dissimulado dentro do contexto de dominação e intolerância.

Assim, no Marabaixo, a musicalidade é produzida especialmente pelo instrumento musical, a caixa/tambor. Conforme narra o IPHAN (2018), o tambor tem formato cilíndrico, fabricado a partir da escavação do tronco de madeira nobre, madeira de reciclagem ou ainda zinco, recoberta por duas peles devidamente tratadas para a função, como apresentamos na figura abaixo:

Imagem 4: Caixa de Marabaixo



Fonte: Acervo da autora (2022)

Os sons produzidos pelas caixas também exercem funções de distinção entre o momento sagrado e o lúdico. Este último, por sua vez, nos encaminha para o valor civilizatório Afro-brasileiro da ludicidade que constitui a alegria, a dança e celebração à vida. (TRINDADE, 2013). De acordo com a pesquisadora Lucimar Rosa Dias (2012), o lúdico é fundamental ao abordarmos sobre a diversidade étnico-racial na educação infantil, o que não se trata apenas de falar sobre o período escravista, mas buscar estratégias para educar, conhecer e valorizar por meio do patrimônio cultural brasileiro, referências positivas para as crianças negras e não negras por diferentes linguagens, de modo a construir novos olhares sobre as histórias e as heranças culturais negras, ainda pouco valorizadas no currículo da educação infantil.

O Marabaixo é lúdico no soar das caixas, nas vestimentas dos homens e das mulheres, estas por sua vez, vestem saias rodadas com estampas floridas, camisa branca e flor atrás da orelha ou na cabeça, além de uma toalha nos ombros (para secar o suor). Há ludicidade nos movimentos, todos dançam em círculo em sentido anti-horário, e ao redor de si mesmo. Podemos encontrar o lúdico nas suas cantigas que são os versos improvisados cantados por homens e mulheres denominado de “ladrões de Marabaixo”, pois os versos são “roubados” retirados dos acontecimentos da comunidade e transformados em cantigas.

O ato de poder improvisar, tantos nos versos quanto na forma de movimentar-se nesse cortejo, permite aos seus participantes, por intermédio dos elementos que o

compõem, criar, recriar, existir e reexistir. Aspecto esse, que não se difere em relação às crianças. O criar/recriar está presente nos grupos infantis como já dissertara Florestan Fernandes (2004), em seu estudo pioneiro “As “Troncinhas” do Bom Retiro”, quando um possível grupo infantil estava próximo de se desfazer/acabar, ele resistia, recriava-se, e possibilitava que as crianças integrantes desse grupo por meio de suas interações e de forma estratégica se reorganizassem para que o grupo prevalecesse.

Ao convidarmos Fernandes para o nosso diálogo queremos evidenciar o poder de recriação e criatividade das crianças, e a ludicidade intrínseca ao seu processo de produção cultural, que pode ser potencializado ao conectar-se com o Marabaixo. Luckesi (2005) afirma que a atividade lúdica é aquela que propicia à pessoa que a vive, uma sensação de liberdade, estado de plenitude e de entrega total. A pedagoga Débora Cunha (2016), reafirmar o pensamento de Luckesi quando disserta que:

O lúdico surge como um tipo de experiência subjetiva, interna ao sujeito que brinca. Não é o brinquedo que contém a ludicidade, apesar de convidar a ela. É o indivíduo que a traz como possibilidade e a materializa quando se encontra plenamente envolvido na vivência lúdica, seja ela um jogo, uma dança ou qualquer coisa que mobilize suas forças criativas”. (CUNHA,2016, p.14).

Outrossim, para Cunha a ludicidade africana e afro-brasileira se coloca como um elemento importante pois evidencia a capacidade de resistência, criação e recriação dos negros, no Brasil e no mundo, e capaz de proporcionar um encontro prazeroso de culturas e nossas próprias raízes. Com base nas autoras e autores sobreditos, a ludicidade presente na cultura africana e afro-brasileira, mostra-se como uma dimensão capaz de abordar a temática étnico-racial na Educação Infantil de forma próxima aos interesses das crianças e proporcionar aos/às educandos/as vivenciar e participar com autonomia do seu processo de aprendizagem e potencializar suas habilidades.

Por fim, chegamos ao último valor civilizatório, o da energia vital, também presente na dança de Marabaixo. De acordo com Trindade (2010), tudo que existe e tem vida emana uma força vital. Um aspecto que possibilita às crianças na Educação Infantil a compartilhar e vivenciar esta energia, está relacionado as suas experiências com elementos da natureza e sua relação de cuidado. A energia vital que há nas plantas, também se revela ao dançar, pois está presente na linguagem corporal, em cada ato e movimento e na conexão com a ancestralidade.

Neuza Gava e Marcelo Jardim (2015) afirmam que o mais marcante das crianças é a energia Vital, pois seus corpos vibram em tudo que fazem, elas são movimento e gostam de estar em constante mobilidade e usam deste meio para buscar conhecimento de si mesma e daquilo que a rodeia. Na Educação Infantil a dança é uma linguagem primordial, o encontro da criança com a dança permite que ela vivencie toda a sua energia e se expresse, ampliando seu repertório e desenvolvendo a sua imaginação.

A DCNERER nos apresenta princípios fundamentais orientadores das práticas educativas na educação infantil, os quais permitem uma educação comprometida com os sujeitos, assim como os direitos de aprendizagem que estão propostos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). No entanto, se colocamos todos esses princípios em prática sem fazer a inserção da educação para as relações étnico-raciais (ERER), estaremos excluindo uma parte da diversidade presente no ambiente educacional, levando em consideração as várias diversidades existentes, importante e fundamental do processo de ensino e aprendizagem das crianças, principalmente de negras e negros, quando se refere à temática étnico-racial.

Por toda ascendência africana em nossa cultura, acreditamos que é imprescindível que as escolas trabalhem o legado deixado por nossos ancestrais, fazendo a inserção de brincadeiras, músicas e danças de origem africana assim também como de livros de literatura infanto-juvenil, de temática étnico-racial com imagens e personagens negros em posição de destaque, uma vez que a discriminação racial está presente em toda a estrutura da sociedade e emerge na vida da criança negra desde os primeiros anos de vida. É nessa perspectiva que trazemos na seção seguinte as *Abayomis* marabaixeras, como possibilidade para trabalhar a significação da identidade racial da criança negra na Educação Infantil.

A respeito da identidade racial da criança negra, Maria Aparecida Bento (2012), levanta a discussão, que o preconceito e a discriminação fazem parte do cotidiano da Educação Infantil, que há conflitos entre crianças por seu pertencimento étnico-racial e que os professores fazem escolhas com base nos fenótipos das crianças e traz a premência que é necessária uma intervenção. Pois nessa etapa da educação, as crianças se conscientizam das diferenças físicas (porque meu cabelo é assim, por que sou dessa cor?), constroem/têm percepções e fazem questionamentos, e se houver uma intervenção qualificada, que não ignore a raça como um componente importante no processo de construção da identidade negra, teremos outras histórias sendo construídas.

Ressaltamos, que incluir/trazer a dança para o ambiente educacional, seja por meio de literaturas, que como autoras defendemos ser um dos caminhos exequíveis, ou alternativas outras como as *Abayomis* marabaixeras, oportunizará às crianças negras e não negras a valorização desse patrimônio cultural e estabelecer relações de respeito às diversidades, além da sua importância e sentido de pertença para os amapaenses.

ABAYOMIS MARABAIXERAS: POSSIBILIDADE(S) DIDÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O desafio que está posto aos/às profissionais da educação, especificamente na Educação Infantil, é o de educar para as relações étnico-raciais, o que requer um entendimento acerca da temática e da condição das crianças afrodescendentes no ambiente escolar, incluindo propostas pedagógicas coerentes e de maneira contínua.

É nesse contexto, que propomos as bonecas *Abayomis* marabaixeras como componente didático-pedagógico a ser trabalhado desde a Educação Infantil, haja

vista que o resultado de uma pesquisa realizada, a qual apresentava uma entrevista com a chefe da divisão étnico-racial da Secretária Municipal de Educação (SEMED), em 2022⁴, percebemos que o Marabaixo ainda é pouco visto pelos/as professores/as como componente da prática pedagógica e símbolo de valores reais da luta e resistência do povo negro, o que contribui para o desconhecimento do seu real significado, de identidade étnica/cultural e pertencimento para os afro-amapaenses, como pode ser verificado na narrativa da Divisão da Diversidade/DIDI:

Ah!!! chegou agosto, mês do folclore, e ainda trata as nossas coisas como folclore. Aí chama a direção da diversidade, não é nada mais nada menos, para tocar e cantar Marabaixo, e a DIDI passou a ir para dizer que Marabaixo não é folclore e falar da importância dele na construção histórica política e social do Estado. (ENTREVISTA EM 21/08/20).

Marabaixo é uma forma de expressão de origem africana que representa a história, a herança e cultura de um povo que foi retirado forçadamente do seu lugar, e se apresenta como um importante componente pedagógico à disposição dos profissionais da educação. Nessa perspectiva, Videira (2013), por meio de seus estudos voltados à cultura afro-amapaense, menciona esse desconhecimento que ainda viceja nas instituições de ensino Estaduais e Municipais de Macapá, quando assim discorre:

Esse continuum cultural não poderia permanecer sendo ensinado como “folclore” e somente em “datas pontuais” como o Dia do Folclore em 22 de agosto e o Dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro. A cultura afro amapaense deve ser transformada em conteúdo programático valorizado dentro dos estabelecimentos de ensino de Macapá [...]. VIDEIRA (2013, p.33).

Abordar a temática étnico-racial nas escolas ainda é um desafio das instituições educacionais de todo o Brasil. A inclusão de estratégias e possibilidades didáticas, para trabalhar a lei 10.639/03, deve ser adequada ao contexto e à realidade de cada educando/a. O Marabaixo mostra-se alinhado à legislação educacional antirracista, face a sua grande influência na cultura amapaense. Nesse conjunto, o parecer 003/2004, afirma que as propostas voltadas à temática racial destacarão o jeito próprio de ser, viver e pensar, manifestado tanto no dia a dia, quanto em celebrações. Diante disso, julgamos importante mencionarmos o trabalho que fora desenvolvido pela Divisão da Diversidade, o projeto: “Batuque e Marabaixo no fazer pedagógico”, o qual traz, como objetivo em sua proposta, abordar de forma lúdica a criatividade e resistência do povo africano e de seus descendentes por meio da lenda “*Abayomi*: a boneca que viajou da África para o Amapá.

Conforme a lenda, Abayomi, trata-se de uma boneca negra que não possui demarcação de olho, nariz e nem boca, esta era confeccionada nos traslados dos

⁴ GOMES, Colins, Cleidiane. VIDEIRA, Lino, Piedade. Limitações da política educacional antirracista implementada pela Divisão Étnico-Racial da Secretaria Municipal de Educação de Macapá-Ap. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e18432, p.1-19, 2022.

navios negreiros pelas mãos africanas com pedaços de pano que retiravam de suas saias/vestimentas para acalantar suas crianças. Durante o processo de confecção não se faz uso de costuras. As bonecas vão ganhando forma a partir dos nós que são dados no tecido. Segundo Edlaine Gomes:

Os nós de que são feitas as bonecas atam o grupo de mulheres negras e estas a outras mulheres e quem mais deseja partilhar as vivências promovidas. O mesmo ocorre com as crianças que recebem e partilham o saber, o fazer, o contar, o estar junto. Os nós são resultados da ação das mãos, das palavras, da identificação social, de gênero e da ancestralidade. GOMES (2017, p.259).

As *Abayomis* ficaram conhecidas como símbolo de resistência, é um amuleto de proteção. Conforme a lenda, se as crianças fossem separadas de suas mães poderiam se reencontrar por meio dos tecidos contidos na boneca. Por esse motivo, a boneca foi batizada com o nome *Abayomi*, que em Iorubá significa “encontro precioso”. Segundo Eunice Borsetto e Ivan Aragão (2020), a boneca representou/representa objeto de afetividade, resistência e identidade sociocultural. Hoje, as *Abayomis* são confeccionadas enquanto elemento de identidade negra, oralidade no que tange à história do tráfico negreiro e instrumento de resistência étnica e cultural.

Na oportunidade, enfatizamos a importância de mencionar a criadora da boneca *Abayomi*, Waldilena Serra Martins, que devido à efervescência do período de militância, na década de 80, transfere toda sua indignação pelas injustiças, por meios das *Abayomis*, que se apresentam como elemento de afirmação das raízes da cultura, da história e memória africana e de seus descendentes e o poder de determinação das mulheres.

Nesse sentido, trazemos como proposta pedagógica as bonecas *Abayomis* marabaixeiiras ressaltando as diferentes tonalidades de tecidos, de maneira que possam representar a identidade étnica do povo afro-amapaense, assim como evidenciar mulheres que contribuíram com a cultura amapaense:

Imagem 5: *Abayomis* Marabaixeiiras



Fonte: Cleidiane Colins (2022)

As bonecas serão temáticas tendo como referência três dançadeiras de Marabaixo, as quais serão homenageadas por meio de suas autobiografias contadas antes e durante a confecção das *Abayomis* com as crianças. Quais sejam, as marabaixeiiras: Francisca Ramos dos Santos, mais conhecida como Tia Chiquinha, Mulher negra dançadeira e cantadeira de Marabaixo, e uma das pioneiras da disseminação da cultura do Marabaixo e batuque no Amapá. Ademais, Tia Chiquinha, mulher que em vida sempre contribuiu para que mantivesse viva a cultura amapaense, é homenageada por meio da Secretaria Municipal de Educação/SEMED, com a creche Tia Chiquinha, localizada no bairro, Novo Buritizal, localizada na zona norte de Macapá.

Temos também nesse conjunto de mulheres, Antônia Venina da Silva, referenciada como Tia Venina, dançadeira de batuque e Marabaixo, foi agricultora e grande curandeira de garganta, nascida no quilombo do Cria-ú.⁵ ⁶Pela sua contribuição e legado na cultura local, tem seu nome atribuído à primeira associação constituída por mulheres negras: Associação Mãe Venina do quilombo do Cria-ú.

Por fim, temos Gertrudes da Silva Gaia, conhecida como Tia Gertrudes, uma das precursoras do Marabaixo na favela. Além disso, tinha muito conhecimento acerca de ervas medicinais. Essas três mulheres foram homenageadas em 2021 com monumentos de cultura localizados em três pontos históricos de Macapá: na entrada da rodovia do Cria-ú, Bairro do Laguinho e Bairro Santa Rita, este conhecido como Bairro da Favela.

As *Abayomis* Marabaixeiiras podem ser trabalhadas com os valores civilizatórios da circularidade/oralidade/musicalidade. Trazendo as rodas de conversas com as crianças, apresentando o Marabaixo e seus elementos como: vestuário, instrumento musicais, comidas e bebidas típicas oferecidas durante o cortejo. Sentar-se em círculo e ouvir as crianças acerca do seu conhecimento sobre Marabaixo, bem como apresentar as três Marabaixeiiras aqui supracitadas. Fazer um canto da apreciação, com fotos de mulheres negras do Amapá, pedir para que as crianças tragam fotos de outras mulheres importantes para elas.

Esses valores civilizatórios também podem ser trabalhados na educação infantil através do jogo, dos sons a partir das cantigas de Marabaixo em que as crianças podem relatar um acontecimento do seu dia a dia, estimulando a criatividade e oralidade das crianças. Assim como trabalhar a corporeidade/cooperatividade e energia vital, dançando com elas.

Após essa socialização, falar sobre as mulheres e representá-las por meio das *Abayomis* confeccionadas com cores/tons de tecidos variados de modo que

⁵ Nesse artigo optamos por fazer uso da nomenclatura Cria-ú. Que, conforme Videira, é assim que os mais antigos reportam quando falam do quilombo, que significa lugar de criar gados. VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 3013.

possa trabalhar a identidade racial de cada criança negra. Inserindo as *Abayomis* Marabaixeras nas instituições como um espaço de (re)construção, a fim de que as crianças negras possam se identificar, se reconhecer, conhecer a história de luta, resistência e a criatividade do povo negro de forma didática e lúdica, assim também as não negras, levando-as a conhecer a história, luta, resistência e a criatividade dos/das afro-brasileiros/as

Considerações Finais

No presente artigo, apontamos caminhos para trabalhar com a educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil por intermédio do Marabaixo, que apesar de ser reconhecido como patrimônio cultural do Brasil, ainda há resistências, não só com o Marabaixo, mas com toda a cultura que tem seu nascedouro em África e de seus descendentes, o que contribui na insuficiência da Lei 10.639/03, nas escolas.

Destarte, trabalhar a identidade da criança negra na Educação Infantil, por intermédio do Marabaixo, tendo como possibilidade didática as *Abayomis* marabaixeras, se configura como componente pedagógico antirracista profícuo aos/às profissionais da educação do estado e municípios do Amapá. Essa dança carrega valores civilizatórios que são fundamentais na educação infantil como asseverou Azoilda Trindade (2010), são valores capazes de mudar posturas preconceituosas e racistas sobre o negro e sua cultura.

Ademais, propostas pedagógicas em torno da legislação antirracismo: Lei 10.639/03 e o Parecer 003/2004, devem ir para além dos aspectos identitários e representativos, elas devem ser, acima de tudo, possibilidades/estratégias de ruptura de combate ao racismo e formas de discriminação que muitas vezes permanecem silenciadas por educadores que não sabem lidar com situações de discriminação no espaço escolar, por preconceito ou despreparo. Nesse sentido, esperamos que a proposta aqui apresentada possa contribuir para uma educação de fato inclusiva, que considera as diversidades presentes na escola, as infâncias e suas africanidades.

GOMES, C. C.; VIDEIRA, P. L.; COUTINHO, A. S. Marabaixo as a didactic-pedagogical component for the positive signification of the black child's racial identity. *Marília*, v. 24, n. 01, p. 31-50, 2023.

Abstract: Education for ethnic-racial relations presupposes the strengthening of identities and rights, a principle highlighted in Opinion CNE/CP 003/2004, which establishes the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-racial Relations. In this sense, the article presents didactic strategies and possibilities to implement Law 10.639/03 in the municipal schools of Macapá, through the cultural legacy and Africanities present in Marabaixo, configuring itself as a didactic-pedagogical component. It is a qualitative text and uses a

semi-structured interview with residents of local black communities, as they are participants/organizers, heirs, and guardians of these cultural manifestations, as children of the community who carry with them knowledge passed on by their ancestors. It is concluded that through Marabaixo it is possible to promote the positive meaning of the racial identity of black children in Early Childhood Education.

Keywords: Marabaixo. Black Children. Law 10,369/03. Child Education.

REFERÊNCIAS

BENTO, Maria, Aparecida Silva (org.) **Educação infantil, igualdade racial e diversidade:** aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica.** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil /Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: SECAD; SEPIR, jun. 2009.

CUNHA, Débora, Alfaia da. **Brincadeiras africanas para a educação cultural** / Débora Alfaia da Cunha. Castanhal, PA: Edição do autor, 2016

CUNHA, Débora. Alfaia. da (org.). **Educação, negritude e interculturalidade:** [Livro eletrônico]: Pesquisas e contribuições metodológicas /organização 1 ed. Belém, PA : 2020.

DE ANGELO, Adilson. O espaço e o tempo da fala na educação Infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: ROCHA, Eloisa A. C.; KRAMER, Sonia. **Educação Infantil:** enfoques em diálogo. Campinas, SP: Papirus, 2011, p. 53-66.

DIAS, Rosa. Lucimar. Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres nesse processo. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

GOMES, Edlaine campos de, *et al.* **A boneca abayomi:** entre retalhos, saberes e memórias. Iluminuras, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 251-264, jan/jul, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 20

KABENGELE, M. (Org). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 204p.: il. Metodologia Científica.

MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação.** N. 23, p. 156-168, 2003.

SILVA, P. G. e. “Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras”. In: KABENGELE, M. (Org.). **Superando o racismo na escola.** 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Africanidades brasileiras e educação:** salto para o futuro. Rio de janeiro: TV escola /MEC, 2013.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. “Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira”. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (org.) **Modos de brincar: caderno de atividades, saberes e fazeres**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. **Revista Palmares cultura-afro-brasileira**. Brasília: ed. 08 - nov.2014.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Batuques, folias e ladainhas**: a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação. Fortaleza: Edições UFC, 3013.

GAVA, Cristina Nelza; JARDIM, Marcelo Bittencourt. **Corpo e o descobrimento**: o do corpo na educação infantil. **Revista Educação Pública**. Rio de Janeiro ,2015.

Submetido em: 19/10/22

Aceito em:16/11/22

Publicado em: